

Alice Brito

As Mulheres da Fonte Nova





Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2012, Alice Brito

© 2012, Planeta Manuscrito

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Segundo Capítulo

1.ª edição: Maio de 2012

Depósito legal n.º 343752/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-290-7

www.planeta.pt

Uma garrafa de moscatel

A cidade se pudesse tinha hibernado naquele Inverno que teimava em ficar, apesar das pragas carregadas de insultos que lhe rogavam. O céu parecia um armazém de nuvens escuras, ali descarregadas a oito.

Dias pequenos, o sol no exílio, chuva gelada, nevoeiros de cegar, frieiras nas mãos e nos pés, a roupa pendurada nas cordas sem secar, compunham o retrato fiel do desânimo invernososo que as gentes sentiam. Mas este desconsolo vinha também de dentro. A cidade ficava mais triste no Inverno, com os homens sem irem ao mar e as fábricas com pouco ou nenhum peixe. A existência urbana desaparecia nesses dias. Muito de vez em quando, um sol jovem e inexperiente armava-se em príncipe e tentava beijos macios nos pontos mais nevrálgicos da cidade. Mas não tinha nem a autoridade nem a tusa suficientes para fazê-la renascer do marasmo que o frio e a humidade dolorosa lhe outorgavam, pondo-lhe o esqueleto em pé de guerra.

Aos dias frios correspondiam gélidas noites.

O vento cortava com tesouradas em rajada.

Esta era então uma cidade vagarosa, pele calejada, espantosamente calma na aparência da Avenida folgada em espaço, cidade adiada e triste, pobre, a sofrer da arrogância alheia. Suportava com um rancor velado, quase obscuro, as desfeitas que lhe eram feitas, amalhando secretamente cada humilhação.

Sempre de olhos postos num qualquer futuro redentor, que havia forçosamente de vir, era, apesar de tudo, uma cidade enraivecida pela esperança.

Uma cidade com cicatrizes várias, que ostentava calada nos dias de maior ira. Depois gritava, gritava, dias seguidos até ficar afônica e azeda. Nestes momentos de maior aflição declinava uma ladainha sentida, puta de vida, fazia incisões nos afectos e suturava os sonhos. Desalentava.



Foi num desses dias desleixados, cheios de lama, esguios, com frestas de arrepiar, que a visitadora escolar lhe cortou o cabelo à escovinha. Era um cabelo farto e castanho, profusamente recheado de tudo o que era piolho e lêmdea.

A rapariga chorou, mas com uma raiva e uma dignidade tão genuínas que a mãe, normalmente insensível às dores das filhas, anuiu no abandono definitivo da escola.

No corredor meio escuro tinha sido montado o cenário. Aí fora colocada uma mesa. Em cima da mesa havia tesouras, pentes, uma toalha e uma bacia. Ao lado, uma cadeira vazia aguardava ocupante. As alunas pequenas, de bata, aguardavam em fila a inspecção eficiente daquele volume humano que lhes parecia uma enfermeira, protegida que estava também por bata branca de sarja.

As cabeças foram ocupadas, mexidas e remexidas num afã invasivo pelos dedos gordos da gorda volumosa.

Ansiedades e vergonhas e pudores violados explodiam no ambiente concentracionário do espaço de humilhação concebido para o efeito.

Aguardava a vez na fila, calada e encolhida. Mediam os olhos a possibilidade de fuga, constatando, impotentes, a improbabilidade de uma saída não detectada. Sabia o que ia acontecer.

O episódio do corte brutal e coercivo acompanhá-la-ia para o resto da vida como uma memória feroz a latir de vez em quando.

Ouvia ainda, longinquamente, dona Idalete, obesa e luzidia, num monólogo guinchado, parecem crinas, está sossegada que aindaavas uma tesourada, alguém que me ajude que ela não deixa, quieta, que rapariga tão rebelde... Tinham vindo duas professoras agregadas e uma contínua apertar-lhe os braços, e ela numa aflição a contorcer-se, se fosses minha aluna, eu dizia-te...

A directora, saída de rompante do gabinete, resolveu o assunto com várias bofetadas metódicas, a mão azafamada num vaivém sucessivo e calculado, empenhada e ritmada na produção de estalos sonoros. Toda a gente assistia à cena instalando-se um silêncio estranhíssimo, misto de medo e de quase prazer compungido.

Dela, nem um ai.

Foi a professora que veio à corrida e salvou a miúda da continuação do massacre, já chega, por amor de Deus.

Aquietou-se, só lágrimas torrenciais a caírem na bata herdada de uma vizinha. Descalça ainda.

À carecada total sobreveio um cabelo ainda mais forte, de que ela cuidou até ao fim dos seus dias.

Até à entrada na fábrica, aos doze anos, foram tempos de modista. Fazia de tudo. Levava a roupa a casa das pessoas, os dedos pequenos pregavam botões, tiravam alinhavos, ajudava no que era necessário. Sem salário. Uns tostões de vez em quando.

Quando fez doze anos, ala que aí vai ela. Fábrica.

Às mulheres, a fábrica cobrava-lhes a infância, a inocência, dotando-as, contudo, de um atávico instinto de sobrevivência, face ao olhar amplo e vigilante das chefias. Temiam a voz engalanada de poder dos acólitos dos patrões, com os olhos sempre vigilantes a incitarem ao trabalho.

O ritmo da fábrica não tinha ainda a especificidade do compasso taylorista, mas era igualmente violento e eficaz.

Apertavam muitas vezes os olhos onde guardavam as lágrimas quando lhes diziam pérolas de ordinarice e as castigavam por dá cá aquela palha. Salários cortados, gritos e imprecações eram o dia-a-dia das escolas do peixe, tudo isto acompanhado de um calor pesado no Verão, de um frio miserável no Inverno, do barulho ofensivo das máquinas e da presença do medo que se instalava desde que se entrava até que se saía. Para não falar do cheiro...

Na fábrica onde Maria João trabalhava, o dono aparecia praticamente todos os dias. Alto, ombros largos, nutria por aquelas mulheres um desprezo

tão visível, que elas, já de si pequenas, se apoucavam e encolhiam à passagem daquela torre de pesporrência.

O senhor Lefaille fazia parte da bandidagem sentimental do fascismo, que vibrava emocionada com os relatos dos desmandos nacionalistas em Espanha. Seguia a par e passo toda a evolução da guerra civil espanhola, rezando convicto pela vitória de Franco.

Os fascistas portugueses e espanhóis eram genuinamente fraternos e solidários na pouca-vergonha. A História há-de guardar no seu álbum de recordações pulhas a fotografia das mãos entrelaçadas dos dois regimes, o Estado Novo e o franquismo que sairá desta guerra, tão amigos os dois ditadores, sempre na expectativa de se foderem um ao outro, Salazar a utilizar o espectro de uma adiada invasão e o outro, pequeno e mau, esfomeado por sangue.

Ao francês, Portugal tinha-lhe facultado dinheiro, poder, lazer, mulheres cheirosas, e não aquele lixo de criaturas que habitavam as bancadas, como ele dizia, desdenhoso e ruim. A cidade boa madrastra e má mãe. Ainda hoje se diz isso.

O francês filho era um corpo que por ali andava, absolutamente irrelevante aos olhos do pai, um déspota egocêntrico, que humilhava tudo e todos não poupando o filho a qualquer crítica. Sempre que podia, lá estava ele a abanar a cabeça com ar de censura implícita e explícita, menorizando, maldizendo, amesquinhando o trabalho do filho, o qual, diga-se de passagem, não era lá grande coisa. O francês filho tinha um ar um pouco parado quando o pai estava, e quando ele não estava tentava ser igual ao pai, isto é, uma merda de pessoa, um perfeitíssimo traste. Chamava-se Pierre.

Fora ela a culpada. Fora ela quem se tinha metido com o homem; fora ela quem lhe passava pela frente a oferecer-se, a grande puta, do que é que estava à espera...

Não conseguia explicar a ninguém que, no corpo quase feito a que o francês filho trepara, só cabiam catorze anos, catorze anos muitíssimo

abandonados, sem mimos de qualquer proveniência, alguma porrada e largo desconforto. Catorze anos de boa altura, corpo ainda menino mas já de mulher, abundante a mama rija, e a curva certa no ponto exacto.

Bem tinha dito, gritado, reiterado, que o francês filho a obrigara, que lhe tinha dado moscatel, além de puta tinha passado por bêbada, sem vergonha, um ano inteiro a pôr-se debaixo dele a cabrejar, e agora vem com desculpas.

Recordava, com um especialíssimo desafecto, os olhos predadores de Pierre a sublinharem-lhe as mamas, as pernas, o traçado do corpo, as graçolas parvas que lhe atirava e que ela não descodificava como notificações para o sexo.

O francês tinha quase trinta anos, para ela era um velho, ainda por cima filho do patrão.

Tinha-a chamado um dia ao escritório ao fim da tarde. Que estava sujo, tinha de ser limpo. Havia uma garrafa com um copo e o que a seguir sucedeu era uma memória trabalhada, retrabalhada, e reconstruída mil e uma vezes.

A mãe estava de cama, doente, muito doente e deprimida, muito deprimida, com a recente morte do marido. Maria João era o único salário em casa.

Era um dia de muito peixe e ainda havia mulheres nas bancadas. Quando ela voltou, atordoada, suada, muito corada, trémula, desatinada, enjoada e tonta, a garganta sufocada por um nó conclusivo e duro, entreolharam-se as companheiras com aqueles olhos de fêmeas zurzidas, uns olhos a transbordar de silêncios e suspeições.

Depois, era muitas vezes chamada para a limpeza do escritório. Dia em que o velho Charles andasse por fora, ou tivesse saído mais cedo, era dia santo e infalível.

Uma das mestras foi contar à mãe por meias-palavras o que se falava, o que corria pelo ar pesado da fábrica.

O único salário em casa. Não acreditou.

Ao fim de alguns meses já o francês saciara a fome. Andava agora alucinado com outras paisagens. Maria João começou a servir-lhe como escape de uma outra fúria amorosa não consumada. Não era nela que entrava agressor e abusador, mas na outra, em que pensava com uma abundância obsessiva. Quando as coisas se precipitaram e conseguiu penetrar no paraíso do desejo satisfeito, nem para ela olhava, desagradando-lhe tudo na rapariga, sempre muito calada, sem préstimo nem asas, as mãos muito penduradas, e os pés conformados a seguirem o seu caminho como quem vai para o matadouro. Rapariga seca. Cheirava a peixe.

Acabaram-se as jornadas de assepsia.

A miúda sentiu o abandono.

Para o fim, já aguardava com alguma ansiedade que o bandalho do francês a chamasse, as hormonas em desacato naquele corpo adolescente à procura da forma definitiva do estado adulto.

Algum tempo mais tarde e faltas acumuladas, foi a mãe que apareceu na fábrica para falar com o velho.

Mirou-a por cima dos óculos e perguntou quem era a filha. Não, não a conhecia, mas pela descrição devia ser uma daquelas putinhas que se metem debaixo de todos. Que ia ajudar. Meteu-lhe na mão o dinheiro para o aborto. Devia chegar.

A mãe e a filha encontraram a morada que lhes tinham dado.

Mas quando chegaram à parteira, era assim que ela era conhecida, a mulher recusou o desmancho. Já tinha muito tempo. Olha-me para este bandulho. Tinha-lhe morrido nas mãos há pouco tempo uma rapariga e não estava para sarilhos.

A mãe ia pedir-lhe, pela sua rica saúde, mas quando ouviu falar na morte da outra, empurrou a filha para fora dali num galope urgente.

Maria João foi enviada com guia de marcha para casa de uma tia em Lisboa. Que alívio, que leveza, quatro meses fora do inferno de recriminações rezadas a toda a hora, que começava com uma ladainha guinchada de mansinho e ia subindo de tom até atingir o zénite do insulto, acompanhado normalmente por pancadaria de mão cheia, sopapos certos

que pareciam previamente planificados, bofetões, encontrões e até uma ou duas vezes pau de vassoura.

Só mais tarde Maria João entenderia as circunstâncias estranhas em que tinha nascido, fruto de um mau passo da mãe, como ela própria lhe dissera, igualmente possuidora de um considerável património de culpa, tão grande ou maior que a sua. Mas nunca lhe disse quem era o pai.



Ainda antes da guerra, em 1938, um grupo de boches tinha estado numa das fábricas mais importantes da cidade.

Parecia que a fábrica tinha sido invadida pelos alemães, num prenúncio aziago do que aconteceria depois na Europa inteira. A passeata dos boches pela Europa, num uivo convocatório de morte, era antecipada aqui na cidade, nos anos prévios à grande hecatombe.

Pertenciam à organização nazi Força pela Alegria. Tinham chegado a Lisboa de barco, nos vapores *Sierra Córdoba*, *Oreana* e *Oder Deutsche*. Depois vieram que nem setas para a cidade.

Na recepção que lhes foi preparada, há mesas dispostas em forma de suástica. Nas paredes, retratos de Carmona, Hitler e Salazar.

De nariz perdido no ar, farejavam tudo à procura de um bom contrato para exportação. As operárias pareciam linhas estreitas, com as figuras muito magras em oposição aos volumes pesados dos alemães anafados e poderosos, bem agasalhados, reles e nazis, sorrindo para o fole da máquina fotográfica, um sorriso seguro de quem presente dinheiro.



A cidade dos anos 40 tinha ainda muita fábrica a funcionar. Já não era aquela avalanche que se tinha sentido há duas ou três décadas atrás. Nessa altura parecia que as fábricas de conservas tinham sido semeadas por toda a parte. Depois foram decrescendo a pouco e pouco.

O metabolismo industrial tinha, contudo, acelerado agora, nos anos de guerra, com a cidade a laborar que nem uma doida. Se isto fosse terra de

patrões decentes, dava para ser uma cidade próspera e de bucho cheio. Mas não era esse o caso e, apesar do ritmo trepidante a que se enchiam toneladas de latas, nunca as conserveiras conheceram a suficiência de um salário.

O mercado latejava nestes anos da guerra, com as veias da exportação inchadas de gordas.

Há um ávido apetite alemão por conservas de sardinha, coisa boa para alimentar soldados.

A 15 de Março de 1941, estava a Primavera ainda a arregaçar as mangas, é assinado entre a Alemanha e Portugal um pacto secreto de mútua conveniência. Damos conservas, recebemos armas.

As conservas, para além de serem um alimento transportável e duradouro, são um bem facilmente armazenável, sobretudo para quem se prepara para longas jornadas de guerra.

Quando em 1941 começa o ataque à URSS, já a despensa da Alemanha está razoavelmente abastecida.

No ano anterior, a Europa parecia ter sido acometida da febre da conserva.

Todo o cão e gato europeu ansiava por latas: a Alemanha, claro, a Itália até vir a mulher da fava-rica, e mesmo a Suíça, que nunca tinha ligado a ponta de um corno à sardinha, comprou cardumes de latas, tornando-se de repente uma consumidora compulsiva. Nunca a sardinha pensou ser tão importante. Desde sempre considerada peixe de gente pobre, revelava-se agora um produto de primeiríssima grandeza e, quando chegava à lota, saltava prateada e envaidecida nas descargas urgentes a caminho das fábricas. O corpo oferecia-se à lata.

Putá de sardinha, rameira dos alemães.

Dizem agora os historiadores, que gostam de investigar coisas aparentemente inexplicáveis, que estes súbitos apetites de grávida por sardinhas eram uma grandíssima treta e que tanta compra só era compreensível porque as conservas eram depois reexportadas para a Alemanha.

Eram as negociatas da guerra.

Lucram sempre os mesmos.

Os ingleses ficavam possessos com este toma-lá-dá-cá. Ameaçam impedir que a lata, a folha-de-flandres, chegue a Portugal.

Enquanto tudo isto se passava, tráficos, ajustes e acordos, a vida continuava a decorrer na cidade, sem que ninguém suspeitasse de coisa alguma. Só as inquietações do costume.

Continuavam os pobres, e eram muitos, a comer bifes de cafeteira, ou seja, fatias de pão barradas de banha e café a acompanhar, café de mistura com cevada, às vezes como única refeição durante um dia inteirinho.

Continuava o trabalho de salário esquivo, com todos, ou quase todos, a contarem moedas acanhadas.

Continuava a vidinha pequena de cada um, com as amarguras próprias das famílias, e os pequenos prazeres a cumprirem-se com desvelo.

Continuava o comércio de olhos entre namorados e a porrada dos maridos bêbados e sóbrios nas mulheres.

Continuavam as beatas e os beatos a bater com a mão no peito e os fascistas a cantar de galo no fogo-de-artifício dos discursos de bazófias já muito gastas.

Continuavam as vizinhas a dizer mal umas das outras e na mercearia o rol de dívidas e devedores prosseguia acumulando-se.

Na Baixa da cidade continuava a passear-se e a pequena burguesia fazia a compra dos tecidos para as farpelas ou dos mimos para a boca. O Abrantes e a Portugália, a então pastelaria da moda, eram um luxo intenso e inacessível.

Continuavam as donas de casa a ir ao mercado, cumprindo um trajecto mecânico e quotidiano, a perguntar o preço do peixe, um escândalo, a trazer para casa as novidades da fruta comprada às caramelas¹, a alma enfiada nas alcofas.

A cidade continuava a girar lentamente, caracol ranhoso de casca pesada, com as pequenas alegrias que as vidas apoucadas vão tendo. A cidade era uma à superfície e outra no debaixo onde correm os poderes e os pactos e as cláusulas e os tratados e o raio que os parta a todos, fascistas de merda.



¹ Mulheres do campo que vinham vender os seus produtos à cidade.

Há demasiado fascismo e palavrões nesta tua prosa. Não estás a fazer um panfleto e, se queres saber, às vezes os palavrões são quase gratuitos.

Ainda só agora comecei e escrevo o que me dá na realíssima gana. Não serás tu, uma personagem secundaríssima, que aparecerá já quase no fim, que me vais impedir.

Laura. Chamar-te-ás Laura.

Laura é bonito.



Para os homens era o mar, fundamentalmente o mar, ou a oficina, ou a fábrica do peixe, ou os serviços, que eram poucos e menores.

Os marítimos tinham a memória do mar tatuada na cabeça, sabendo onde deviam pescar esta ou aquela espécie. Uma memória salgada, oceânica ou de rio, memória sabedoria, encharcada por longas noites de barcos. Uma memória que morava há muito no Bairro do Troino.

No meio do planeta todo engalfinhado numa guerra, milhões a morrerem obscenamente inocentes, continuavam os dias a somar-se na cidade alheada, ou quase alheada, com os homens a mandar dentro de casa, ganhando quase sempre os combates domésticos. Às vezes perdiam ou só ganhavam com muita bordoadada e muito álcool, que isto dos poderes privados e caseiros é um mundo. Um mundo cão.

Esta não era uma cidade afortunada.

As vidas que há muito se ajeitavam assim, apertadas, apertadinhas, não eram coloridas nem escovadas, trazendo sempre um pó de pequenez.

Pelo menos para aquela mole imensa de pessoas que se costuma designar por povo, seja lá isso o que for.

Olhados de agora, parece que os dias se sucediam ao *ralenti*, a preto e branco, em memórias lentas. Quase se duvida que as noites tivessem estrelas, e a Lua alcançasse o grau de cheia. O medo intenso desses anos. A bufaria invisível, que se sentia alastrar por toda a parte, enganchava-se

nas pessoas, tolhendo-lhes o falar. Contudo, apesar da vida parda e amolengada destes anos de guerra lá fora e de salazarice cá dentro, o país ia deslizando no contínuo dos dias baços.

Era um Portugal caladinho, de mão trémula e língua perra.

O século xx teve destas coisas. Anos seguidinhos em que a dignidade ficou em pousio e se semearam desgraças e maldades indizíveis. Este regime português tinha integrado de facto e de direito o rol de regimes velhos e inabitáveis logo à nascença, tão canalhas que parece hoje mentira como singraram.

A História é como o fogo. Quando se está em cima dela arde e dói. Só quando o vendaval amaina se consegue tocar-lhe. A distância é-lhe necessária, quando a chama da paixão se transmutou já em qualquer outra coisa que não sei bem o que é. Talvez memória.

Testemunha de casamento civil

Dona Virgínia Pacheco nasceu num pacato dia de Agosto de 1880.

Casou muito jovem, ainda o século xx não tinha visto a luz do dia, com um oficial do exército, que viria a combater na Batalha de La Lys e faria parte do CEP, sigla que à frente se descodificará.

Foram viver para uma casa muito grande que havia, e ainda hoje há, na Fonte Nova.

Era um republicano hesitante, daqueles que nem sim nem não nem talvez, que havia renegado a possibilidade da República quando o rei tinha sido assassinado, mas que depois se deleitara num êxtase evidente, com a adrenalina revolucionária do 5 de Outubro. O tempo veloz da revolução tinha passado por ele à corrida, acelerado e total, tempo mágico e poderoso. Mas passados que foram dois ou três anos, o que verdadeiramente queria eram sopas e descanso, que se fodesse a República e a monarquia, muito mulhengo, muito cavalheiro, com a abundância de equívocos que este último vocábulo há-de conter. Esses sentimentos não eram na altura muito comuns. As paixões pela República eram ainda afectos quentes, mas não no caso do marido de dona Virgínia, que tinha uma maior inclinação por putas e vinho verde, como se dirá talvez mais tarde.

Virgínia, quase professora, donzela, com a boniteza própria de uma juventude primaveril, apaixonou-se por ele ainda a monarquia dava bai-les e as raparigas usavam crucifixos ao pescoço, moda que depois cairia em desuso.

Mais republicana do que o marido, vinha-lhe essa inclinação do contacto amigo com Ana de Castro Osório, a quem visitava e com quem conversava longamente. E também de certa forma dos pais, ricos comerciantes, sendo que fazia parte das memórias da professora a quase apoplexia que o pai e seu bigode haviam tido, ou simulado ter, aquando do ultimato, uma vergonha para Portugal.

A cidade dos anos iniciais da República é uma cidade tão esperançosa quanto ácida, cidade inflamada pela perspectiva de novos dias que estavam aí a vir, a vir-se, e nunca mais chegavam, porra, nunca mais, sempre a fome a passear-se com a intimidade própria de quem conhece bem o terreno, de quem já conhece as paredes, as casas, as ruas e os corpos, sempre os patrões a exigirem trabalho, mãos, vidas, e abrir as bolsas é o abres, tostões e é se queres.

Por isso, quando a cidade se ouriçava toda e dava as mãos, as polícias pediam reforços. Tinham medo.

Nos grandes dias de fúria, a cidade calava-se antes de começar a amotinar-se. Um mutismo de quem toma balanço para uma batalha que se sabia ir acontecer. Era matemático. Quando na Avenida Luísa Todi se sentia no ar a electricidade crispada da revolta, aí estava ela passados minutos, a cidade, a estourar em ira, em gritarias coléricas. Depois eram as greves. Mais fome. Depois era a Guarda. Depois eram os patrões. Que baile. Que vai-e-vem.

A quem nunca faltou comida pode achar a descrição dramática e excessiva. Mas não é. Esta gente não era feita de heróis e heroínas, que de punho erguido queriam tomar o poder. Alguns, os mais utópicos, os mais sonhadores, talvez quisessem. Mas o comum da gente só queria viver, sobreviver, trabalhar sem traulitada, ter uma bucha na mesa, passear aos domingos na Luísa Todi.

Tudo isso era considerado de mais para um patronato ávido, que se babava por lucro. Esse querer viver era visto como uma ambição desmedida e perigosa. Por isso negavam tudo. Tudo. Associavam-se, reuniam-se, tinham as fábricas, tinham a polícia, tinham a jovem guarda republicana, e não cediam.

Era assim que acontecia aquela cólera que vinha em lampejos que cegavam, essa sim, uma fúria desmedida e perigosa, parte intrínseca do

comportamento colectivo da cidade despojada. Uma cidade ferida, praticamente desde que tinha nascido.

Virgínia só se tornaria meia beata e menos republicana quando o marido partiu para França, nos princípios de 1917, integrado no CEP, o Corpo Expedicionário Português, força militar que mais tarde seria conhecida pelo expressivo nome de «Carneiros de Exportação Portuguesa».

Começaste com a Segunda Guerra Mundial. Agora passas para a primeira sem avisar ninguém. Achas que isto tem algum jeito?

O oficial marido intuía que a morte entraria triunfal e brutal num exército impreparado para aquele tipo de guerra, como o português.

Não tinha, porém, previsto a densidade e profundidade daquele horror trincheiro.

A guerra contada, por muito horrível que seja, é sempre uma abstracção, uma coisa que se passa com alguém que não nós. É como ouvir grandes dissertações sobre a fome quando se está enfartado de boa comida ou ter muita pena dos sedentos com uma cervejinha à frente, como agora se bebe, fresca e loira, fresca e baratinha, que naqueles tempos a cerveja era mais cara do que o vinho. Adiante. O marido da professora tinha, pois, pressentido a matança, o cativoiro de milhares, toneladas de feridos. Tinha percebido, antevisto, o crime de mandar aqueles soldados para as trincheiras, jovens toscos, desprevenidos, sem qualquer capacidade bélica, vejam lá os crimes que os Estados são capazes de cometer em nome de todos nós.

Fitava, aterrado, aqueles jovens com um medo manifesto nos olhos assombrados, jovens que usavam nos lábios esgares de abandono, como quem usa a farda, ou os andrajos em que a farda se foi tornando.

O marido de Virgínia apanhara um balázio numa perna, tendo voltado para Portugal em condições estranhas e cobertas de alguma indignidade militar, constando, de uma forma que não se sabia se era boato inventado sobre quem era contra a guerra, ou se era mesmo verdade, que ele próprio tinha dado um tiro de esguelha na perna, ferindo-se

voluntariamente para regressar. Nunca se ficou, pois, a saber se tinha sido efectivamente ferido no desvario daquela batalha inglória que foi La Lys, ou se foi ferido pela ânsia de voltar a casa, para os braços da professora. O que se sabe, sem dúvida nenhuma, é que tinha os dias contados. Não lhe valeu a pena andar a tourear o destino, porque algum tempo mais tarde morreria da pneumónica. A ferida na perna tinha-o deixado fraco e indefeso, a guerra tinha-o deixado amargo e irascível, e esse *cocktail* de circunstâncias, acrescido de algum remorso pela deserção, possibilitou à que foi uma das mais terríveis epidemias que o mundo contemporâneo conheceu que trepasse por ele acima, conduzindo-o directamente à cova. Há doenças em que o atingido se pode impor, alegar qualquer coisa em sua defesa, argumentar com a morte pedindo um adiamento, um diferimento, dizer assim, espera aí que já lá vou. Mas não com a pneumónica. Com esta gripe matadora era tiro e queda. Não havia diálogo possível.

Dona Virgínia ficou viúva aos 39 anos. Sem filhos, sozinha no enorme casarão do Largo da Fonte Nova, a professora viu de repente a sua vida apequenar-se, ficar sem brilho, sem jeito nem trambelho, a memória do marido a torturar-lhe os dias, a incompreensão pelo vazio que aquela morte lhe tinha causado a magoá-la, inapelável aquela dor tão sentida. Restava-lhe a escola e a criançada, pobres, as crianças, que esta cidade, já se sabe, nunca foi de grandes riquezas. Riquezas só para meia dúzia.

A escola onde dona Virgínia dava aulas era também no Largo, num antigo palacete, hoje em ruínas, uma vergonha, mais uma crueldade que se fez à cidade, deixar morrer assim um edifício com um ar tão nobre, até uma coroa de pedra tinha a vigiar a entrada, um edifício merecedor de cuidado, que a cidade, ou os que nela têm mandado, devia preservar. Passemos à frente. Entre a casa da professora e a escola era um minuto de caminho, talvez nem tanto.

Nos dois anos que se seguiram à morte do marido, dona Virgínia ia de casa para a escola e da escola para casa, invariavelmente, sendo a profissão o único escape para uma vida que considerava sem sentido. Nem a Praça do Bocage pisou.

Na escola havia uma contínua, uma mulher doce e tristonha, que tossia muitíssimo. Casou, tendo convidado a professora para madrinha de casamento, ou, melhor dizendo, para testemunha de casamento civil

porque, naquela altura, casamento religioso era coisa de que não se era utente. Pelo menos aqui, na cidade.

A noiva vestia azul, um vestido feito de um corte de tecido enviado por um irmão emigrado no Brasil. Como testemunha, consta ainda da certidão de casamento um tenente, um viúvo jovem e ainda bonito que teve uma avassaladora paixão pela professora com o mesmo estado civil e de desamparo, sendo que ainda hoje não é possível determinar se essa paixão foi ou não correspondida e sobretudo se teve alguma concretização conjugal, quer dizer, se foram para a cama. Queira Deus que sim, que nestas coisas de paixões e amores, *quod abundat non nocet*, quanto mais melhor, sobretudo neste caso, uma viúva de quarenta e poucos anos, o corpo a pedir-lhe festa. O que se sabe é que o tenente, republicano dos quatro costados, e que não era parvo nenhum, que era um homem que lia, que era sincero nos seus ideais, começou a frequentar o Largo da Fonte Nova com uma invulgar assiduidade, sobretudo nas horas de saída e de entrada da professora. Tenha ou não havido romance, com cama ou sem ela, o certo é que o tenente viúvo também não durou muito, para aí quatro anos, talvez, acometido de uma apendicite, com rápida evolução para peritonite, não tendo chegado a ver o fim sem glória da República. Sem glória é como quem diz, que hoje os historiadores afirmam que ainda houve uma série de anos de resistência, não foram favas contadas para os fascistas, como estes sempre disseram e os livros vociferaram.

Voltando ao assunto, Casimira, assim se chamava a rapariga, já ia grávida para o casamento porque passados oito meses penosos nasceu uma menina, de quem dona Virgínia anos mais tarde seria madrinha e a quem deram o nome de Arminda. A seguir a esse parto seguiram-se mais dois, todos de enfiada, um por ano. Tantas vezes vai a cantarinha à fonte que um dia parte a asa. Casimira morreria ao dar à luz o terceiro filho.

No próprio dia da morte, dona Virgínia apareceu em casa de Casimira para ir buscar a menina. Os outros eram rapazes, o pai que tomasse conta deles. Agora a menina, se crescesse numa casa só com homens, dificilmente faria outra coisa na vida senão tomar conta da casa e dos irmãos.

Foi isto que a professora disse ao pai quando, dias mais tarde, passada a avalanche do velório, lágrimas, gritos de dor e enterro, este se apresentou na casa da Fonte Nova para ir buscar a filha.

Era um homem engraçado, porque não escondia o afecto que tinha pelos filhos. Então pela filha, a primeira, tinha uma especialíssima ternura. Naquele meio pobre, saturado de álcool, trabalho duro e pouca paga, não era vulgar ver um homem mostrar sentimentos de forma tão transparente. Não se usava. Ainda hoje, apesar do longo caminho que se percorreu, anda lá anda, que os homens são sempre aquela coisa esfíngica, às vezes a sofrer que nem condenados, e nem uma lagrimazinha acrescida do respectivo ranho, só olhos enxutos e melancólicos, olhos calados, bocas seladas por um milenar selo do que se chama virilidade, ou lá o que é, esse colete de forças construído que se veste à nascença, como se fosse obra da natureza.

Não era assim com o pai de Arminda. Chorou que nem um desgraçado aquando da morte da mulher e olhava enternecido os filhos como dádivas de Deus.

Quando dona Virgínia lhe disse que ficava com a menina para que ela não fosse toda a vida escrava da casa e dos irmãos, a sonoridade das tardes passadas com Ana de Castro Osório a revelar-se-lhe por entre o discurso afirmativo, o pai de Arminda não entendeu patavina do que a professora lhe estava a dizer. Para ele era óbvio, absolutamente evidente e inevitável, que esse era o destino da filha, qual era a dúvida.

Dona Virgínia não discutiu com ele. Não valia a pena. Que estava bem. Quando ela fosse mais velhinha regressaria a casa. Agora era mais uma, só ia empatar e complicar-lhe a vida ainda mais. Lá voltou o pai para casa a contragosto, de mãos a abanar, sem filha, apenas com a leve promessa de que quando tivesse mais tino voltaria para a casa paterna. Ainda guinchou desolado e desapossado da criança, seis anos, quando tiver seis anos volta. Que sim, que fosse com Deus.

Voltaria a casar dois anos mais tarde com outra contínua da mesma escola, uma mulher gorda e grande, que parecia seca e rude, mas tinha um coração de ouro para as crianças, que a ela se agarraram que nem lapa à rocha.

Durante os dois anos em que se manteve sozinho, o pai de Arminda vinha semanalmente vê-la, lembrando sempre, e de uma forma que a professora considerava quase inconveniente, que a filha era dele e que havia de voltar a casa. Trazia semanalmente umas parcas moedas para ajudar na comida da garota. Ao princípio, dona Virgínia sentiu-se ofendida, tendo recusado, gélida e ressentida, aquela espécie de pensão alimentar que o pai insistia em pagar-lhe. Depois percebeu que aquele pagamento era uma forma de o homem acalmar a alma expropriada da filha, ficava melhor, mais manso, mais conformado com a ausência da criança.

Quando casou acabaram-se as reivindicações paternas. Não queria a filha com madrasta. A nova mulher era muito boa pessoa, mas rapazes são rapazes e uma menina é uma menina. Dos rapazes cuidava a nova mulher com esmero e sem ciúmes. Com a menina não se sabia.

A professora ouvia-o deleitada e pacificada. Marcou o baptizado algum tempo depois, tendo assumido a condição de madrinha até ao fim dos seus dias. Foi assim que Arminda passou, de forma definitiva e legitimada, do Largo da Palmeira, aquele que está no fim da Rua Vasco da Gama, para o Largo da Fonte Nova.